

Como tirar dinheiro das árvores

Técnica da Vilhena usa o verde para unir o agradável ao útil

por Mara Luquet
de São Paulo

“Cada árvore no seu galho.” A frase, adaptada do famoso ditado popular em que o personagem principal é o macaco, foi emprestada por Eduardo Vilhena de Toledo para explicar por que pode ser um péssimo negócio plantar uma espécie de árvore apenas porque ela é bonita.

Diretor da Vilhena Agro-Florestal, de São Paulo, um consultoria nessa área, Vilhena é um apaixonado pelo verde — “desde gramados a sequóias” (gigantescas árvores nativas da Costa Oeste dos Estados Unidos) —, mas insiste em que não se deve confundir negócios com prazer.

Árvores precisam dar ou proporcionar lucro, afirma Vilhena. Devem ser encara-



Eduardo Vilhena de Toledo

das da mesma forma com que os bons investidores de arte encaram as peças que compram: pelo que valem ou poderão valer em dinheiro, e não porque o comprador se deixou encantar por elas.

(No desenho, sugerido pela Vilhena, ele aponta o

que a árvore certa pode fazer pelo ambiente e operação de uma fábrica e, com adaptações, também para um escritório ou edifício.)

Um de seus exemplos favoritos para ilustrar seu ponto de vista, e sua habilidade em juntar a prática à teoria, pode ser visto na fábrica da cervejaria Brahma, em Jacaref (SP). O terreno adquirido pela empresa escondia, sob uma superfície aparentemente normal, um verdadeiro brejo. A primeira opção dos engenheiros foi construir um complexo e custoso aparato para drenar o terreno e mantê-lo seco, o que significava um permanente custo adicional.

Vilhena propôs plantar árvores no terreno. “Não uma árvore qualquer, e nem mesmo espécie da vasta família dos eucaliptos, aos quais a crença popular atribui o milagre ou a desgraça de secar a terra, depende do que se queira”, conta Vilhena.

“A árvore escolhida foi, na verdade, um eucalipto, mas

uma espécie que além de absorver a água, cresce bem em brejos. Há eucaliptos que fazem a mesma coisa, mas definham. A variedade escolhida por Vilhena é mantida como “segredo profissional”. Ele revela apenas: é uma das centenas de variedades de eucalipto, árvore nativa da Austrália e trazida para o Brasil no início do século. “Nem todas as espécies foram trazidas”, explica Vilhena, que precisou importar sementes diretamente.

A escolha é científica (ele tem uma equipe de técnicos que inclui vários professores

da USP). Vilhena revela ainda que, além de consultoria, “também põe a mão na massa”, isto é, executa seus projetos (ou de terceiros). Entre seus clientes estão pesos pesados da indústria de construção, como a Queiroz Galvão, Andrade Gutierrez, Mendes Júnior, Osse, Conbrás, Augusto Velloso e imobiliárias de renome como a Scopel, especializada em desenvolvimento urbano, para a qual a Vilhena tem feito implantação de projetos de urbanização e paisagismo, recuperação de áreas degradadas, reflorestamento e outros.

Embora uma empresa pequena, Vilhena orgulha-se de ter feito consultoria e assessoria ao famoso Museu Nacional de História Natural de Paris. E de cumprir seus prazos com uma pontualidade “de suíço”, diz ele. Há poucas semanas, quando o ex-governador paulista, Luís Antônio Fleury Filho, inaugurou parte da Rodovia Carvalho Pinto, uma das raras subcontratadas (no caso, a Queiroz Galvão) que entregaram sua parte pronta foi a Vilhena, apesar de o prazo ter sido antecipado para a obra ser inaugurada antes da posse do novo governador.

Instituto Socioambiental

fonte: _____

class.: 02

data: _____

pg.: _____

